VALENTINE

Gilvan Tavares

www.facebook.com/gilvanftavares/

www.facebook.com/gilvan.tavares.escritor

Gilvan_tavares

@gil_van16



“Aos meus filhos Matheus, Dalila, Saulo e esposa Joice, pelo apoio incondicional; indispensável para realização desta obra.”

Capítulo 1

Valentine

Cinco horas da tarde; quarta-feira. Állex sentado na barreira de pedra que valia como um pequeno cais improvisado se defrontava com um belo âmbar lilás por de sol que começava a dar sinal. Cabeça baixa com pequenos e lentos movimentos, um olhar distante e direto para o chão de areia a procurar pequenas pedras para em seguida atirá-las na água. O Pôr do sol, que começava lentamente seu belo e gratuito espetáculo, passava completamente despercebido. Em sua mente, atormentava lhe um pensamento, um nome, um desejo: Valentine. De repente um espanto, um brusco levantar de cabeça e…"Hora de ir."

Em frente ao espelho Valentine experimentava um novo penteado, nada sofisticado, apenas para fugi da aparência tradicional sem saber direito se queria àquilo mesmo. "Ah, tá bom assim!" Pensou. Largou a escova de cabelo sobre a mesa com espelho, virou-se para a cama para pegar a bolsa. A porta se abriu.

— Oi Valentine, pra onde você vai? —pergunta Erika e completa— Nossa como você tá bonita!

— Ah! Como sempre! —falou fazendo gesto sensual— Vou sair por ai!

A casa de dois pisos ficava no final de uma estreita e inclinada rua. Pintada de branco, era de estilo rústico e se misturava às

demais na aparência. Valentine morava na parte de cima, pertencente ao seu pai, um velho tripulante de um navio cargueiro, que raramente aparecia. O acesso se dava através de uma escada lateral. Em baixo das janelas de madeira, vasos de plantas, também estilo local. Uma sala não muito espaçosa, um corredor com um banheiro no final. Ao meio e à esquerda do corredor, uma porta para o quarto. À direita, a porta da cozinha, que dava acesso a um terraço, também usado como área de serviço.

Valentine desceu a pacata rua naquele final de dia, ainda havia alguns pombos bicando fagulhas encontradas nas velhas pedras utilizadas no calçamento. No final da descida, virou à esquerda e entrou na avenida principal, que seguia obedecendo os contornos da orla marítima. A moça usava um vestido sustentado por alças com um generoso e insinuante decote na altura do busto. A cintura levemente apertada por um sinto, confeccionado sobre a própria roupa, destacava as curvas e evidenciava uma bela silhueta feminina ao ponto de despertar indescritivelmente a cobiça masculina. Cabelos negros e volumosos, cerca de um palmo abaixo dos ombros, rosto levemente arredondado, com um olhar e sorriso sedutor; ela ainda tinha a pele de um branco resultante da mistura espanhola e sul-americana. Seu verdadeiro nome era Olga Ravel, mas no último ano do internato conheceu Erika, que contou-lhe uma história; alguma coisa que tinha visto ou ouvido sobre alguém chamada Valentine, e que algo nela fazia lembrar a tal personagem, ou sei lá o quê, e passou a chamar-lhe Valentine. Olga intuitivamente achou sugestivo, agradável e deixou ser

chamada assim. Pouco tempo depois ao sair do internato, tornara-se Valentine para todos. Vaidosa, narcisista e pouco moderada no quesito provocante, tinha interesses e expectativas, como que: aguardando o momento certo para o "bote."

Após alguns minutos de caminhada, num início de noite açoitado pela fria e agradável brisa vinda do mar, Valentine estava em frente ao Sun Rise Club Bar. Entrou no clube como de costume; aspecto sério e sem olhar para os lados, direto para o balcão. Empurrou a portinhola, acenou com a mão e esboçou um leve sorriso para Charlie no outro lado, preparando uma bebida para um cliente, e entrou pela outra porta para um camarim.

— Oi Nat!

— Oi. —respondeu Natalie evitando mexer os músculos faciais para não interferir na maquiagem.

— O Chris já chegou?

— Chegou, mas saiu com aquele amigo dele. Aquele que sempre vem aqui com aquelas encomendas! …

— Entendi. Falou alguma coisa?

— Disse apenas que hoje viriam uns clientes especiais; turistas que chegaram.

Valentine, assim como Natalie, era meio garçonete, meio dançarina; para fazer a alegria dos frequentadores, muitas vezes

turistas. Era o que fazia do Sun Rise diferente, talvez exótico. O bar tinha seus clientes assíduos e era uma espécie de ponto obrigatório para turistas, quase sempre trazidos por Yuri, amigo de Christian e agente de turismo. A localização era privilegiada, ficava na avenida Beira Mar e era uma das opções de lazer oferecida pela cidade. Valentine ali, não realizava seu sonho de conquista, mas encontrava um cenário perfeito para exibir seus encantos de mulher, capaz de despertar o apetite voraz em muitos dos frequentadores ao expor um corpo com curvas delineadas, pernas torneadas, seios levemente avantajados e suculentos, com um aspecto convidativo, juntando tudo isso a um sempre presente sorriso, modulando uma boca desejável por qualquer um que a contemplasse. Há de se entender também, que não eram poucas as cantadas, convites, propostas, ou como quiser chamar a ela dirigidas, inundando seu ego cada vez mais entorpecido por galanteios, às vezes desesperados; combustível perfeito e indispensável para alimentar sua extrema vaidade, acompanhada de narcisismo e egocentrismo sem deixar espaço dentro de si para avaliar e despertar algum interesse à aqueles que investiam com palavras e olhares. Mas não dava para esconder a imagem de caçadora voraz que trazia consigo, à espera do momento certo para se lançar a presa com habilidade e destreza de uma felina. Ah! O que posso dizer também, é que todos esses atributos acabavam ofuscando e comprimindo um coração carregado de sentimentos e sensibilidade, dando uma falsa impressão de frieza e indiferença àqueles que leem esse relato.

Capítulo 2

Állex

Állex, entrou beco adentro. O terreno era de terra cinza compactada, não soltava poeira nem fazia lama quando chovia. No final do beco, uma calçada de três degraus em forma de L, uma plataforma de 2 M e a porta da casa de Andréa. O rapaz empurrou a porta, entrou, cumprimentou Andréa, sentada no canto direito da sala em frente a uma máquina de costura.

— Oh, meu filho, até que enfim apareceste. Eu tenho pensado muito em ti. Por que sumiste?

— Tá tudo bem tia, eu tenho estado sem tempo é só isso. E a senhora tá bem?

— Tô bem!

— Pelo que tô vendo… Bastante trabalho né?

— É, um pouco!

— E as meninas?

— A Brenda tá no quarto e a Kelly saiu sem dizer pra onde. Vou fazer um café. É rapidinho!

— Precisa não tia, não quero incomodar.

— Que nada!

Állex permaneceu em pé na sala, onde havia algumas roupas jogadas próximo a máquina de costura e em cima do sofá. Passeou pela sala bagunçada com um olhar evasivo, virou-se para a janela como que a procura de algo.

— Állex entra aqui, vem cá.

O rapaz foi até a cozinha, sentou-se à mesa e saboreou o café, sem esquecer-se de fazer observação em forma de elogio. Conversaram por alguns minutos sobre coisas banais. Andréa, que o conhecia desde criança, percebeu nele certa tensão, preocupação, alguma mudança que o mesmo não conseguia esconder.

— Tá tudo bem mesmo contigo meu filho? Pode contar, você sabe. Alguma mulher, ou é o trabalho?

— Nada não tia, não se preocupe. Eu tenho que ir.

— Você ainda tá trabalhando no porto?

— Tô sim. A Brenda; queria ver ela.

— Tá no quarto.

O moço desceu a escada, saiu beco afora, enquanto Andréa observava da porta sua silhueta desaparecer. Andréa era tia de Állex, mas tinha um sentimento de mãe para com ele. Quando criança, aos dois anos de idade, Carmen, mãe de Állex deixou-o

com Andrea por duas semanas enquanto faria uma viagem. Ao voltar da dita viagem, Andrea pediu para ficar mais uns dias com o menino e Carmen que vivia um momento de turbulência na vida, achou ótimo e agradeceu a irmã pelo favor que estaria prestando. Állex então, passou a viver com a tia Andrea até aos dezenove anos, que o criou como filho. Com o fim do casamento, Andrea ficou só com as duas filhas, e Állex era o homem da casa; completava a família. Quando completou vinte anos o rapaz alistou-se no exército onde passou um ano e meio. Ao sair, arranjou emprego no armazém do porto. O jovem era incumbido de conferir e separar o material que haveria de ser entregue. Havia dois anos desenvolvendo o trabalho e já conhecia tudo sobre o ofício, sabia inclusive, bem mais do que era necessário para executar a função. Fazia com algum prazer, mas tinha suas ambições tanto dentro como fora da empresa, e agora então essas ambições haviam crescido, forçando-o a adquirir hábitos antes negados. Algo estava levando-o a investidas que poderiam trazer consequências morais, para satisfazer o desejo de satisfazer alguém. Era o momento para atitudes inconsequentes onde o racional perdia total espaço para o emocional.

Capítulo 3

A primeira impressão

Se o caro leitor acredita ou não em destino, considere o fato de que, em algumas situações há uma lógica inexplicável que tentamos negar sem mesmo conhecer. Mas vamos deixar então, este assunto para outra oportunidade.

Állex costumava pegar o ônibus para ir para casa ao final de cada dia de trabalho no mesmo local. Era só sair do galpão onde trabalhava, andar alguns metros e estava no ponto do ônibus. Um dia, esperava o ônibus com um amigo do trabalho, como estava demorando a passar, aceitou o convite de Pedro para ir à casa dele. Aquele dia estava pronto e determinado a tornar-se um marco divisório na vida de Állex.

— Não é muito longe não! Tá vendo a curva no início da subida? É só pegar aquela rua, no final tem um beco que vai dar na rua que eu moro. Lá a gente toma umas cervejas...

Állex não costumava sair muito, não tinha amigos a não ser os do trabalho. Sua rotina no dado momento era trabalho, casa, às vezes uma bebida, só ou com os amigos e uma visita a um bordel. Naquele dia acompanhou Pedro, curioso por causa do que ele falava e com preguiça ao imaginar o tanto que ia ter que caminhar depois de um enfadonho dia de trabalho. Atravessaram a rua e seguiram com passos cadenciados.

Conversavam, riam. Pedro era bem-humorado, sempre tinha alguma coisa engraçada para falar. Állex logo esqueceu a distância à percorrer. Então, quando chegaram à entrada da rua que iriam subir; do outro lado, na esquina, uma moça descia a mesma rua na direção contraria e ia virar à esquerda para seguir pela principal. Állex por impulso, olhou para figura feminina e retirou o olhar, percebeu então que ela também olhara. Diminuiu o passo e olhou com mais atenção; novamente ela correspondeu com um olhar por cima dos ombros. Ele parou, esperou para acenar com a mão e receber outro aceno em troca. Pedro percebeu que o amigo não estava na sua conversa, virou-se e viu que ele se deleitava apreciando aquele andar, ao mesmo tempo em que olhava por sobre os ombros; e era tão provocante...

— Hei! —disse Pedro— Não falei que?...

Állex, riu um riso de admiração e encanto, sem ouvi Pedro. Uma deusa desfilara pela aquela rua monótona e sem graça, um presente de um final tarde sombrio, para os poucos que ali transitavam, dos quais ele, era o mais radiante da minúscula plateia. Subiu o restante da rua conversando e rindo com Pedro até chegar ao dito beco. Chegou a perguntar:

— Já viu ela por aqui outras vezes?

— Quem?

— A garota.

— Não, mas… É garota pra cara que tem grana!

Állex fez gesto de riso e desceu por um beco entre duas antigas paredes de pedra, que tinha plantas do tipo samambaia incrustadas entre nas brechas. Aquele olhar; mesmo que visto de longe, aquele andar… permanecia na sua mente. Parecia algo obsessivo, novo como paixão adolescente. Prenúncio de uma nova fase de vida? Ou exagero nosso? De fato, uma mente jovem num instante ilusório que não fora completamente conhecido aos quinze, e que agora deparava-se com esse retrocesso, quase inconveniente e incompreensível como piada em velório.

Durante alguns dias Állex hesitou, até decidir chamar Pedro para ir novamente ao bar, próximo à casa dele. Mas era só para passar novamente pela distinta rua de pedra, na esperança de ver outra vez aquela "deusa desconhecida." Era como ele a definia. Pedro topou, foram então, mas nada de vê-la de novo. Deu até vontade de voltar, mas ficou sem jeito de fazê-lo, porque Pedro estava feliz por ter sido convidado por ele, além do mais, se dissesse o motivo pelo qual teria ido, seria alvo de gozação no trabalho.

Manhã de segunda-feira. Állex chega às oito e onze, ofegante e preocupado pelo atraso, vai direto para o setor de trabalho e encontra em cima da mesa várias notas de pedidos para conferir e entregar.

— Állex o seu Heraldo quer que despache o mais rápido possível esses pedidos. Tem uns que é urgente, já estão separados. —falou a moça que havia saído da sala do chefe e demonstrava apreensão.

— Ok, vou fazer o possível pra sair o mais rápido.

O rapaz apressou-se em conferir cada pedido e passar para o carro de entrega. A quantidade e urgência para entrega dos pedidos fez com que o atraso de Állex, na chegada para o trabalho passasse despercebido e ele soube muito bem usar o ensejo a seu favor.

Após um dia inteiro de esforço na tentativa de cumprir o cronograma de despacho de pedidos, Állex notou que não seria possível cumprir com a meta e teve que levar ao conhecimento do chefe, ao passo que foi informado também da causa pela qual não fora possível. Um dos três carros usados para entrega quebrou e veio a notícia que ele menos queria ouvi: teria que ficar após o horário para finalizar a tarefa. Ficaram quatro pedidos para finalizar.

— Vamos deixar por último essas caixas de bebidas do Sun Rise, a gente aproveita pra tomar alguma coisa. Eu já conheço o pessoal de lá. Que tal? — perguntou Frank, o motorista que ia com Állex.

— Não sei se quero. — falou Állex, com ar de chateado.

— Espera chegar lá! É legal, tu vai gostar.

Frank desceu do furgão, entrou no bar. Állex o seguia com uma prancheta na mão, foi até o balcão e perguntou por Christian.

— Só um minuto. —falou o rapaz e foi chamar Christian.

Em seguida apareceu um homem, usando uma camiseta branca de mangas e jeans escuro. Examinou a nota e mandou que trouxessem as três caixas de bebida. Enquanto saía, Állex observava cada detalhe no local, de repente avistou uma garota de perfil que conversava e ria gentilmente com um cliente na mesa. Um espanto. Ela estava lá. Tocou em Frank e disse:

— Espera um pouco, não vamos agora!

— Ah!… Não falei que você ia gostar? Vamos sentar e pedir uma bebida!

— Ok, Vamos.

Aproximou-se da mesa uma moça, cumprimentou-os e perguntou o que queriam. Quando ia Frank abrindo a boca para pedir, Állex o interrompeu.

— Espera! —virou-se e disse — A gente pode ser atendidos por aquela moça ali?

— Claro que sim! —respondeu Natalie e afastou-se.

— Obrigado.

— Aí garoto! —exclamou Frank.

Valentine sentiu alguém tocá-la por trás; virou-se, era Natalie.

— Aqueles dois clientes, —apontando para Frank e Állex— Querem ser atendidos por você!

— Olá! —cumprimentou Valentine com um sorriso vermelho e branco.

— Oi!

Állex pode então ver de perto, o rosto que havia ficado grudado em sua mente, como nódoa.

— E então, o que vão beber?

— Duas vodkas. —falou Állex fitando o alegre sorriso da atendente.

— A gente se conhece? —adiantou Valentine.

— Não… Acho que sim! Aquele dia na saída daquela rua… Eu não sei o nome, você ia saindo pra entrar na Beira-Mar; eu te vi.

— Ah, sim! Eu lembro.

A garota foi pegar as duas vodkas enquanto relembrava Állex, um rapaz de 1,73 m, branco, com cabelos encaracolados, olhos pequenos e arredondados, um pouco espantados, corpo esbelto, que ficara olhando admirado para ela. Parecia ter algo interessante, não sabia exatamente o quê, mas também não importava com o que poderia ser. Podia ser uma oportunidade de diversão, só não imaginava alguma coisa concreta, não estava à altura de um romance proveitoso, nem poderia passar pela cabeça o que as trapaças do destino podem fazer com aqueles que estão despercebidos à beira do caminho para emaranhá-los,

sem deixá-los sequer entender o que se passa em volta de “seus eu,” vazios e carentes de um total gozo interior.

Állex tomou algumas doses e tentou persuadir Valentine a ficar um pouco mais a conversar, mas ela explicou que não podia, porque tinha os outros clientes para atender, mas deixou claro que não era um “não” e até disse que a rua onde ele a viu a primeira vez, era onde ela morava. Poucos dias depois, Állex voltou ao Sun Rise e Valentine contou-lhe que gostava de passear na praia junto às pedras, e que no dia seguinte era sua folga e estaria lá; sem expressar um convite, mas nem era necessário, porque Állex sentiu-se convidado.

Capitulo 4

O primeiro encontro

O dia estava chegando ao final, faltava apenas uma hora para o fim da jornada, sem nenhum acontecimento que não fosse de rotina. Állex, lembrou-se então de pedir a Heraldo para sair mais cedo e teve o pedido concedido sem objeções; o chefe ainda brincou:

— É pra encontrar alguém? Ela não tem uma amiga, pra apresentar?

— Não, é outra coisa! —negou Állex.

A avenida Beira-Mar estava àquela tarde como sempre; longa. Era a maior da cidade, com suas curvas obedientes aos contornos da praia e poucas pessoas a passar por ela. Állex caminha tranquilamente sob uma agradável brisa que empurrava sua camisa de encontro ao corpo insistentemente. Entrou numa floricultura, que ficava à esquerda, comprou uma rosa vermelha; escolheu a mais bonita, e uma caixa de bombons de chocolate. Saiu da loja, andou mais alguns minutos e atravessou para o outro lado. Entrou finalmente na praia e caminhou em direção às pedras de um metro e meio de altura aproximadamente, que completavam a paisagem. Em cima de uma das pedras, avistou a imagem de uma mulher sentada, abraçando as pernas dobradas, corpo inclinado para frente e queixo próximo de tocar os